

**DO CANTO
GREGORIANO
AOS NOSSOS DIAS:
UMA VIAGEM PELA
MÚSICA CORAL**

CCB

**CORO DE CÂMARA E
CORO JUVENIL DO
INSTITUTO GREGORIANO
DE LISBOA**

12 JAN 25

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Ciclo Concertos Comentados – Coro
Domingo, 11h00
Pequeno Auditório
Duração aprox. 60 min.
M/6

***Do Canto Gregoriano aos nossos dias:
uma viagem pela música coral***

Introito Ecce ad Venit – missa da Epifania – Canto Gregoriano (Idade Média)

Guillame de Machaut (1300-1377)

Ballade 6: Douz Amis

Josquin Desprez (1450 – 1521)

Scaramella va alla guerra

Tomás Luis de Victoria (1548-1611)

O Magnum Mysterium

Claudio Monteverdi (1567 – 1643)

Cantate Dominum

Baldassare Galuppi (1706 – 1785)

Qui Tollis

Wolfgang Amadeus Mozart (1756- 1791)

Luci Care, Luci Belle

Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847)

Lass', o Herr, mich Hülfe finde

Gabriele Fauré (1845-1924)

Cantique de Jean Racine

Francis Poulenc (1899 – 1963)

Seigneur, je vous en prie

Kim André Arnesen (1980)

Flight Song

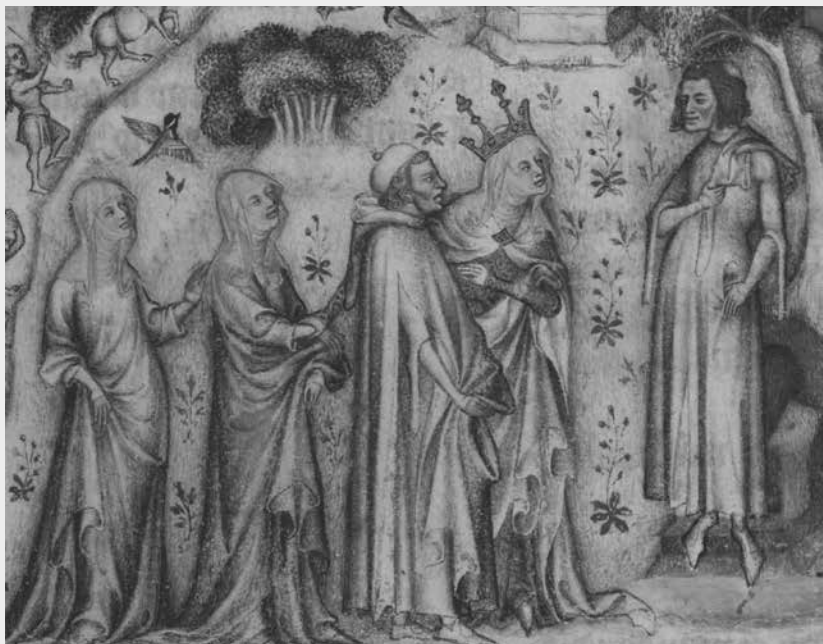
Ev'ry time I feel the spirit – melodia original do séc. XIX
com arr. Bob Chilcott (1955)

Concerto comentado por **Bárbara Villalobos**

Direção **Filipa Palhares**

Piano **Ricardo Vicente**

Coro de Câmara e Coro Juvenil do Instituto Gregoriano de Lisboa



Guillaume de Machaut numa miniatura francesa do século XIV, uma cena alegórica na qual a Natureza oferece a Machaut três de seus filhos: o Senso (Razão), a Retórica e a Música.

Uma viagem é um percurso entre muitos possíveis e válidos, permitindo-nos a descoberta e um regresso enriquecidos. Neste concerto, viajamos pela música sacra e profana desde a Idade Média ao séc. XX com paragens na Renascença, Barroco, Classicismo e Romantismo.

Começamos com uma peça em canto gregoriano, um dos repertórios mais antigos da história da música ocidental, criado nos séc. VIII-IX como garante da coesão política da igreja e do Sacro-Império Romano, sendo o canto oficial da igreja católica até hoje. Trata-se de um *introito*, peça de abertura da liturgia da missa, aqui para a Epifania, festa que encerra as celebrações do Natal no início do ano civil adequando-se assim ao início desta viagem. Segue-se uma canção estrófica a duas vozes sobre o amor, *Doulz Amis*, do maior compositor da Ars Nova francesa, Machaut, detentora de sonoridades abertas e mudanças de compasso.

Prosseguimos com uma canção em italiano de Josquin Desprez sobre o bufão Scaramella que vai — literal ou metafórica/amorosamente — para a guerra. Articula-se em duas estrofes homofónicas com refrão onomatopeico e mais contrapontístico, evocando os disparos dos canhões. Já *O Magnum Mysterium* de Victoria, compositor da contrarreforma, evoca a simplicidade extraordinária do milagre natalício na manjedoura, com uma secção leve no final em estilo de dança e mudança de compasso evocando os vilancicos espanhóis.

Continuamos para o barroco inicial com um motete a seis vozes de Monteverdi baseado no texto do salmo 98, *Cantate Dominum* (1620), pleno de madrigalismos que nos dão imagens musicais festivas de como a celebração de Deus se faz através do canto e da execução instrumental. Deste ambiente passamos para a peça meditativa do classicismo inicial sobre duas frases do texto do *Agnus Dei*, «Qui tollis peccata mundi, miserere nobis», de Galuppi, conhecido sobretudo pelas suas óperas cómicas setecentistas, mas autor de muita música sacra. Chegamos ao classicismo tardio quando ouvimos *Luci care. Luci belle* de Mozart, uma delicada peça homofónica a três vozes sobre o amado, originalmente com acompanhamento de *cors de basset* composta durante o período de Viena. Consiste num noturno, peça destinada a ser executada à noite ao ar livre. Chegamos ao romantismo com a primeira das *Três Canções Espirituais* op. 96 de Mendelssohn, *Lass', o Herr, mich Hülfe finde* (1843), uma paráfrase do salmo 13 feita de Broadley, para contralto solista e coro. Este era o tipo de peça destinado a coros amadores, agrupamentos que proliferaram desde o romantismo inicial, em particular nas zonas britânica e alemã e para os quais foi escrito muito repertório,

frequentemente com acompanhamento de piano ou órgão.

Do romantismo tardio temos *Cantique de Jean Racine* (1865) de Fauré, uma obra de juventude de elevada expressividade sobre uma paráfrase muito livre do texto de um hino do séc. IV atribuído a Santo Ambrósio de Milão cantado nas matinas de terça-feira, feita por um dos maiores dramaturgos do séc. XVII. Fauré coloca o texto numa textura silábica típica dos hinos ecoada no piano sobre tercinas contínuas que conferem uma atmosfera etérea e propulsiva.

Já no séc. XX, temos *Seigneur je vous en prie* de Poulenc, a terceira das *Quatro Pequenas Orações de São Francisco de Assis* (1948), para coro masculino. Consiste numa peça muito curta, suplicante pela fusão amorosa com Deus, indicada como devendo ser cantada de forma muito expressiva e fervorosa e com sonoridades claramente modernistas. *Flight song* de Arnesen possui texto do escocês Euan Tait e insere-se na corrente de revivescência da música coral nórdica e estadunidense das últimas décadas. As frequentes mudanças de compasso, alternância de *naipes* e entre uníssonos e acordes dão-nos aqui uma sonoridade reflexiva sobre a existência. Por fim, *Ev'ry time I feel the spirit* é um arranjo de Bob Chilcott do espiritual afro-americano anterior à Guerra Civil Americana em forma de estrofe com refrão e marcas jazzísticas, concluindo a nossa viagem com alegria contagiante.

Bárbara Villalobos

Filipa Palhares

Direção

Iniciou os seus estudos musicais aos nove anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, ingressando posteriormente na Escola Superior de Música de Lisboa, onde obteve a licenciatura e o grau de Mestre em Direção Coral. Nesta escola, estudou com Christopher Bochmann, Sibertin-Blanc, Vasco Azevedo e Paulo Lourenço, entre outros. Frequentou cursos de Direção Coral com Bernard Tétu, Herbert Breuer e José António Sainz Alfaro. Estudou com Max von Egmond, Marius Altena (Canto) e Jacques Ogg (Cravo) nos cursos de Música Barroca da Casa de Mateus. Iniciou a sua atividade docente em 1990 e, desde 2006, leciona no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde tem a seu cargo os coros, realizando concertos regularmente, e com quem participa em concursos internacionais, tendo obtido medalha de ouro nas sete edições do Festival Coral de Verão de Lisboa, o primeiro prémio no Certamen Juvenil de Habaneras de Torrevieja em 2015, uma medalha de prata nos World Choir Games de 2018 na África do Sul, e três medalhas de ouro e o título de «champion» de música sacra com acompanhamento, nos European Choir Games de 2019, que se realizaram na Suécia. Tem estreado diversas obras de compositores portugueses, compostas especificamente para os seus grupos. Tendo gravado em 2016 o CD *Mesmo que faça frio* com obras do compositor Nuno da Rocha, para coro de vozes brancas, piano e orquestra. Foi membro da Camerata Vocal de Lisboa e do Coro Feminino Cantata. Fundou e dirigiu o Coro do Tejo e dirige presentemente o Vocal Da Capo. Fundou no final de 2020 o ALMA Ensemble, grupo de vozes mistas, constituído por

oito a 16 cantores, cujo repertório se foca sobretudo na música *a cappella* e estende-se desde a música antiga até ao séc. XXI, prestando particular atenção ao repertório português. Com este *ensemble* tem realizado concertos nas principais salas e festivais do país. Tem preparado coros para as principais orquestras portuguesas, destacando-se o coro participativo Gulbenkian em 2019, com a *Missa* de Bernstein apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian. E diversas obras corais-sinfónicas e óperas, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Sinfónica Portuguesa, entre outras. Na área da ópera, tem colaborado como coralista e maestrina de coro em diversas produções.

Coro Juvenil e Coro de Câmara da Escola Artística do Instituto Gregoriano de Lisboa

O Coro Juvenil e de Câmara são coros curriculares da escola artística do Instituto Gregoriano de Lisboa, tendo o Coro Juvenil sido criado pela professora Filipa Palhares, em 2014, com o objetivo de permitir aos alunos desta escola uma prática avançada do repertório coral para vozes iguais. Os coros apresentam-se regularmente em concertos, quer sozinhos, quer em parceria com orquestras, tais como a Orquestra Sinfónica Juvenil, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Gulbenkian, onde participou em obras como *War Requiem* de Britten, 3.ª *Sinfonia* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff, *Missa* de Bernstein, e a ópera *Onehama* de Ripper. Os coros têm-se dedicado à execução da música de compositores portugueses contemporâneos para vozes jovens e têm estreado diversas obras de Alfredo Teixeira, Sérgio Azevedo e Nuno da Rocha,

tendo deste último gravado o CD *Mesmo que faça frio*, em 2016, e participado em 2019 no CD *O que será do rio*, com a orquestra barroca Divino Sospiro, com a obra *Alcippe*. Os coros têm participado em concursos internacionais onde são de destacar as diversas medalhas de ouro em todas as edições do Festival Coral de Verão de Lisboa, em que participou desde 2012. Em 2015, o primeiro prémio no Certamen Juvenil Internacional de Habaneras em Espanha. Uma medalha de prata nos World Choir Games na África do Sul, em 2018. E em 2019 as três medalhas de ouro nos European Choir Games, em Gotemburgo, na Suécia. Ambos os coros são dirigidos, neste momento, pela maestrina Filipa Palhares.

Bárbara Villalobos

Musicóloga

Licenciou-se em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL) e é Mestre em Musicologia Histórica (FCSH-UNL). É Docente Profissionalizada nos Grupos M610 (Música) — subgrupos M30 (História da Música) e M31 (Acústica e Organologia) pela Universidade Aberta de Lisboa. Leciona História da Cultura e das Artes (Ramo de História da Música) no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional, tendo ainda lecionado História da Música e Acústica Musical no Conservatório Regional de Coimbra, História da Música no Conservatório da Orquestra Metropolitana de Lisboa e História da Música Portuguesa no Instituto Piaget, Almada. Colaborou com o CESEM (Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, Unidade de Investigação da FCSH-UNL) no projeto *Preparação de Edições Críticas de Marcos Portugal* incluindo um catálogo temático

financiado pelo POCTI da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do qual foi também bolsista de investigação da Praxis XXI (Programa de Formação de Recursos Humanos – BIC da Fundação para a Ciência e a Tecnologia) para o projeto *Investigação. Edição e Estudos Críticos da Música Portuguesa dos Séculos XVIII a XX*, tendo daí resultado publicações em *Actas do Congresso Brasil-Europa 500 anos: Música e Visões*, 3 a 7 de setembro de 1999. Colónia: Akademie Brasil/Europa, 2000; num capítulo de *O Orientalismo em Portugal – Catálogo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999 e em CRANMER, ed. *Marcos Portugal e o seu Tempo*. Lisboa: Edições Colibri/CESEM (2012). Foi colaboradora do INET-MD (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Unidade de Investigação da FCSH da UNL) como responsável pela pesquisa de iconografia para a *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX* (Círculo de Leitores, 2010) no âmbito do projeto *Dicionário Multimédia da Cultura Expressiva em Portugal no Século XX* financiado pelo Programa Praxis XXI da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tendo também redigido alguns dos verbetes da mesma.

Tem ainda colaborado com diversas entidades na elaboração de notas à margem para concertos como o Centro Cultural de Belém; Teatro Nacional de São Carlos; Fundação Calouste Gulbenkian; Casa da Música; Festival Terras Sem Sombra; Orfeão de Leiria ou a Câmara Municipal de Sintra. Daí resultaram centenas de textos de divulgação publicados nas brochuras das respetivas temporadas.

JÁ A SEGUIR

CICLO CONCERTOS COMENTADOS – RECITAL DE CANTO E PIANO

9 FEV 2025

AOS EXILADOS

ANDRÉ HENRIQUES E NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

No recital *Aos Exilados*, André Henriques (baixo-barítono) e Nuno Vieira de Almeida (piano) interpretam peças de Dmitri Shostakovich, incluindo o *Prelúdio XXII* e a *Suite sobre poemas de Michelangelo*, op. 145, composta por nove andamentos: *Amor, Separação, Cólera, Dante, Ao Exilado, Criar, Noite, Morte e Imortalidade*. Nuno Vieira de Almeida, célebre pianista e professor, é conhecido pelas suas colaborações com cantores internacionais e pela estreia de obras de compositores contemporâneos. André Henriques, destacado cantor português, traz a sua versatilidade operática para este programa emocionante.

Concerto comentado por **Nuno Vieira de Almeida**

Domingo, 11h00

Sala Luís de Freitas Branco

M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA



O EL CORTE INGLÉS APOIA O
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO DE
MÚSICA ERUDITA DO CCB

